

MOTHO-MOTHO: Mulheres com língua afiada

Segunda, 27 Julho 2015 00:00



ENTREI no "chapa" como um campeão em contorcionismo. Um homem-elastico. Sem escolhas, permiti de forma livre e resignada que me ensardinhassem, como um daqueles atuns tuga. No "chapa" não se reclama. As advertências são claras: "pega um táxi; vai de txopela; compra teu carro"...então o melhor mesmo é encolher-se e cair na sua própria insignificância. Conformer-se anulando-se, especialmente perante o cobrador!

O cobrador é a entidade suprema neste espaço. Ele é uma espécie de "deus-todo-poderoso". Aqui ninguém pia. Ninguém cacareja, porque nesta capoeira o galo é somente ele, o cobrador. Quem disser "nhô", desce imediatamente. O cobrador é quem "conduz" a viatura, mesmo longe do volante. O motorista só obedece às ordens desse "seu dono". É o cobrador quem decide se o "seu motorista" deve ou não avançar num semáforo fechado. Ele é quem ordena para arrancar mesmo tendo uma gestante com um pé ainda fora... É ele quem resolve as contas com a Polícia, "entrega refresco"...sabe "falar como homem" e até alguns agentes são seus "bradas".

Voltando a nossa história, já sentado, entrou e encaixou-se ao meu lado uma senhorita, daquelas tipo, "não me toques"...com estilo de "eu sou eu". A dama estava toda empiriquitada, e com aquele ar de "yá pessoal cheguei". Na cabeça trazia uma tissagem volumosa. E olhando bem para aquela cabeça, via-se que era um "cocktail" de cabelo com qualidades variadas: uma parte era importado da Índia, outra do Brasil e tinha também aquela de fabrico nacional...portanto, eram três países, três nações numa única cabeça! Finalmente, compreendi facilmente o que é isso de globalização...!

Pouco depois, sentou-se ao lado da dama, uma outra senhora já com uma idade considerável, em termos comparativos, dir-se-ia que elas seriam mãe e filha.

E como sempre acontece nestas circunstâncias, a conversa entre as duas mulheres ao meu lado surgiu assim quase do nada. E quando a dama abriu a boca, fiquei com inveja...tinha uma voz que faria perder emprego a qualquer dessas convencidas jovens radialistas de "FM" na cidade. Tinha uma voz sublime de "stereo" bem afinada como daqueles aeromoça dos "boeings".

Embaladas pela baloiçante viagem, o papo das duas senhoras, ia bem animado..."conversa puxa conversa", quando de repente, gente que não se conhece de nenhum lugar, torna-se confidente uma da outra, assumindo o papel de "afilhada" e de "madrinha ...isso, só mesmo o "chapa" pode proporcionar essa magia!

Ao passar a praça da "OMM" na Malhangalene, rola este diálogo:

- Eu já ando cansada do gajo. Mas não está fácil me separar. O que é que eu faço? Olha, já não aguento!

-Mas não está fácil porquê? É um daqueles com muito dinheiro e tens medo de deixar a grana?

-Não. Isso não tem nada a ver com "dinheiro e não dinheiro". Não está fácil porque o meu marido é filho de um pastor. Eu sou nora de um conhecido e respeitado pastor...mas a vida que a gente leva é mais que de um inferno.

-Iyú! Teu sogro é pastor? De que igreja?

- Meu sogro é pastor da "Assembleia". Antes de me casar eu era da "metodista" e acabei convertida pelo casamento. E apesar de me tornar uma da "assembleia" continuo, de vez em quando a ir na igreja "metodista" foi lá onde aprendi a cantar. Gosto dos cânticos da "metodista".

- E então o que está a acontecer com o teu casamento?

- Meus sogros "não tem problemas"! Eu gosto deles e eles também. Mas o problema é o filho deles, que se diz ser meu marido...esse é um bicho...um maluco de verdade. Ele bebe todos os dias. Brigamos sempre. Ele bate-me. É muito confuso. Mas como ele é filho de um pastor muito conhecido, e perante os crentes do meu sogro, não fica bem uma separação. Aos domingos vamos a igreja "de mãos dadas"...sorrindo, tudo fingido, ser um "bom exemplo" de família e casal feliz. Mas agora chega!

- Olha, manda passear esse sacana pá! Eu, o meu mandei fumar faz tempo! O "makambuzi" fazia-me vida negra, até que um dia fartei-me. "Caguei" para o gajo e chutei-o de casa. Eduquei as minhas filhas sozinha. Hoje duas já são doutoras e estou a "comer o dinheiro delas". Agora ouvi que o tipo apanhou doenças por aí...Anda mal, mal, mal... e dizem por aí "ao alto" que ele hoje quer voltar...imagina isso, nem morta! Eu não quero vê-lo nem sequer pintado. O gajo que se lixe. Por mim, ele que morra bem desgraçado! Eu não estou "nem aí"!

O "bate-papo" da "madrinha" e sua "afilhada" foi repentinamente cortado pela voz vociferante do cobrador, "hei dinheiro na mão. Vamos pagar"! Já estávamos no Xikhelene. Desembarcamos. Vi as duas confidentes, cada uma a seguir seu caminho. Tinha sido apenas uma obra do acaso.

Parei estatuado, a tentar, em vão compreender, aquele diálogo tão íntimo, de suas vidas privadas, servido como "buffet" para quem quisesse degustar naquele "dumba-nengue" móvel de quatro rodas.

ALBINO MOISÉS - moisesalbino@yahoo.com.br